
O avesso dos algoritmos: mediações educacionais no ritmo do TikTok¹

Douglas CALIXTO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da tese de doutorado "O avesso dos algoritmos: sociabilidades na escola e mediações educacionais no ritmo do tiktok", apresentada na ECA-USP. O trabalho analisou como estudantes de regiões periféricas da zona sul de São Paulo atribuem significados e interpretam as dinâmicas mobilizadas por algoritmos na internet. Com a linguagem em movimento -- no ritmo efêmero e de dancinhas do TikTok --, apresentaremos, dentro dos limites espaciais deste texto, os principais achados sobre a produção de sentidos que nascem da inter-relação de jovens com plataformas dinamizadas por algoritmos.

PALAVRAS-CHAVE: algoritmos; educação; sociabilidades; redes sociais na internet; TikTok.

O RITMO DO TIKTOK

A tese o "avesso dos algoritmos" analisou como estudantes do 9º ano do ensino fundamental em escolas municipais da zona sul de São Paulo atribuem significados e interpretam as dinâmicas mobilizadas por algoritmos. Sistematizamos evidências dos conteúdos mais mencionados e de como os jovens interagem com influencers, vídeos curtos e outras produções típicas da internet. Podemos afirmar que há trocas simbólicas intensas mobilizadas por algoritmos e, ao pesquisar essa temática, verificamos uma profunda fragmentação de gostos e interesses. Vale dizer, as *timelines* do Instagram, TikTok e Youtube – as redes sociais mais mencionadas pelos discentes – cumprem papel decisivo para a constituição das sociabilidades, jogos de linguagem e gostos e preferências midiáticas dos jovens. Os algoritmos, que definiremos teoricamente no artigo completo, joga papel decisivo nesse cenário.

Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), a saber Vera Lúcia Fusco Borba, Deputado José Blota Júnior e Pracinhas da FEB, pertencentes à Diretoria Regional

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: dodocalixto77@gmail.com

de Ensino (DRE) Campo Limpo, formaram o *corpus* empírico da pesquisa. 112 estudantes participaram do estudo que foi realizado no laboratório de informática das escolas mencionadas entre os anos de 2022 e 2023.

Avesso, com referência ao escritor Jeferson Tenório, busca adentrar ao território daquilo que não está visível no primeiro momento e, por vezes, é desconsiderado nos circuitos de produção de conhecimento e jogos de poder: que tipos de conteúdo mobilizam estudantes? Quais são as interpretações e jogos de linguagem presente no TikTok, Instagram, Youtube? Nessa perspectiva, “avesso” significa um estudo qualitativo que usa, como ponto de partida, os protocolos numéricos e as criações de inteligência artificial em trânsito na sociedade contemporânea para compreender o que essas dinâmicas representam, de fato, junto a estudantes de regiões periféricas.

Para tal empreitada, nosso referencial teórico e articulado pelas mediações educacionais e por autoras e autores que, num sentido próximo, buscam compreender o fenômeno comunicacional a partir do reconhecimento de um ecossistema comunicativo (Citelli, 2004 ; Lopes, 2018 ; Martín-Barbero, 2014) e das dinâmicas de uma economia política que condiciona o funcionamento dos algoritmos na internet (Fisher, 2023 ; Noble, 2021 ; Morozov, 2018). Tendo em vista a análise da sociedade contemporânea e seus mediadores técnicos com as dinâmicas do contexto escolar, a proposta é criar as condições teórico-metodológicas para a reconstituição do objeto: o avesso dos algoritmos. Com essa premissa, que envolve os estudos sobre tecnologias na perspectiva da economia política e das mediações educacionais, o nosso intuito é discutir o jogo de vai e vem (Lopes, 2005) que possibilita a reconstituição do fenômeno em seus elementos fundamentais.

Consideramos o “avesso do algoritmo” o elemento central de nossas preocupações epistemológicas. É imperioso destacar que esse conceito não tem nenhuma pretensão de criar dualismo entre o algoritmo e o seu lado “inverso”, como se existissem partes separadas de uma mesma unidade. Nosso intuito é jogar luz em como as dinâmicas sociais passaram a ter um mediador tecnossocial capaz de influenciar as sociabilidades e as trocas simbólicas no contexto contemporâneo. Entre as *Big Techs* e os jovens participantes da pesquisa há uma dinâmica híbrida, que envolve, de um lado, predição e criação de padrões de consumo e, de outro lado, as apropriações e usos de vídeos, memes e outras expressões das redes sociais pelos discentes. O avesso é, em última instância, o reconhecimento da importância da voz e da expressão comunicativa de jovens da zona sul de São Paulo sobre

as transformações do mundo. Quando consideramos as pesquisas sobre a influência da inteligência artificial no cotidiano e ao tratar dos algoritmos, há uma tendência em limitar a discussão aos limites e arrojados de manipulação das *Bigh Techs* no tecido social, sem considerar as interpretações e apropriações feitas no cotidiano pelos usuários da internet. Assim, avesso é um recorte epistemológico que desloca o foco de atenção de uma perspectiva instrumental para pensar os jogos de linguagem que surgem nas plataformas digitais, onde os algoritmos conferem marca estrutural: aquilo que vemos, ouvimos e assistimos no ciberespaço depende dos cálculos numéricos e padrões de predição na internet. Mas o que é feito com isso?

Para além de generalizações impróprias e clichês sobre o "impacto das tecnologias na educação", os achados de pesquisa contribuem para que possamos compreender os intercâmbios simbólicos e as reconfigurações impostas pelas macroestruturas a fim de criar vínculos e conexões com a vida das escolas que, hoje, convivem com signos do TikTok, Instagram e outras plataformas. Foi nesse compasso que conhecemos os significados de Mirella Santos, Virgínia Fonseca, Neymar, Vanessa Lopes, Baco Exu do Blues, Renato Garcia, Alanzoka e diversos outros citados por estudantes durante a pesquisa: para além do status de celebridade, esses *influencers* possuem forte vinculação com as identidades e com a ordem sensorial dos jovens. Na versão completa deste artigo, teremos a oportunidade de explicar quem são esses personagens e as motivações que fazem deles os mais referenciados pelos 112 participantes dos estudos.

Entre os achados de pesquisa, podemos destacar pelo menos três categorias capazes de explorar a abrangência do fenômeno. Primeiro, o aspecto mais proeminente da interação dos jovens com a lógica algorítmica é **assistir vídeos** — sobretudo “curtos”, *reacts* e *edits*. Os 112 participantes do 9º ano do ensino fundamental têm predileção por conteúdos rápidos, efêmeros e de duração limitada a, no máximo, um deslizar dos dedos. De um conteúdo para o próximo, a seleção e as recomendações algorítmicas buscam atender as demandas, os afetos e os interesses dos jovens. Pudemos verificar que é, nesse ritmo — do TikTok —, que os participantes deste estudo passam horas a fio, assistindo, assistindo e assistindo. Como forma de provocar a reflexão da abrangência do problema, acionamos o designativo “espectadores” para classificar o relacionamento dos estudantes como “assistir”. Ao considerar o aspecto relacional das “redes sociais”, ou seja, espaços de interação e trocas simbólicas, é contraditório que jovens passem grande parte do tempo sem qualquer outra interação que não seja pular de vídeo para vídeo. Os algoritmos, em

nosso entendimento, respondem a interesses singulares e específicos, que acabam por desmobilizar o interesse por qualquer outra ação que não seja esperar “o que vem a seguir”.

“Engraçado”: quando mergulhamos no avesso dos algoritmos, verificamos que o aspecto decisivo para que os jovens manifestem interesse por um conteúdo ou influencer é a capacidade de acionar o humor. Em outros termos, os mecanismos de engajamento algorítmico, ou seja, as estratégias para que os usuários da internet fiquem o maior tempo diante das telas, se materializaram em conteúdos que promovem o entretenimento. O segundo aspecto que destacamos nas categorias de análise é o fato de que são os vídeos curtos, reacts, edits e outras expressões dedicadas à zoeira — provocações, deboches e sátiras — que mais são valorizados pelos estudantes.

Nessa perspectiva, foi necessário deslocar o olhar para como conteúdos típicos das redes sociais mobilizam afetos. Nesse exercício, *influencers* como Paulinho o Loko, Mirella Santos, Júlia Alvarenga e diversos outros nos mostraram diferentes nuances do que os discentes consideram “engraçado”. Acionando discursos de violência, mostrando trivialidades da rotina, “empinando” motos, apresentando tendências de maquiagem, dribles e paródias do futebol: há um escopo significativo do que os estudantes classificam como “divertido”.

No geral, mais do que o cômico, observamos que a quebra do automatismo, a possibilidade de experimentar sentimentos proibidos e as transgressões típicas da adolescência são os fatores mais significativos para que um influenciador seja seguido, curtido e valorizado (ou não). Ora, conforme argumentamos, as dinâmicas da internet, hoje, representam uma das principais vias de acesso para a constituição das sociabilidades e o desenvolvimento da linguagem junto a estudantes do 9º ano do ensino fundamental. É nesses espaços, dinamizados por algoritmos, que jovens efetuam trocas simbólicas e dão sentido à realidade. Assim, nossa pesquisa demonstrou que “ser engraçado” é um ativo fundamental do campo das sociabilidades. A busca por prazeres imediatos e, por vezes, sem continuidade lógica é o que caracteriza grande parte das conexões que os estudantes fazem com as redes sociais.

Os discursos que circulam no TikTok mobilizam as identidades e as formas de ser e estar no mundo. Os sentidos que os discentes atribuem a diversos influencers – famosos e desconhecidos ao mesmo tempo – revelaram vínculos com as regiões periféricas, com os intercâmbios típicos de quem vive no extremo sul de de São

Paulo. O achado mais significativo é o reconhecimento de que para cada efemeridade ou conteúdo, que ao primeiro olhar não possui continuidade lógica (ao olhar de adultos, é claro) – há uma correlação, um sentimento e, claro, uma manifestação cultural expressa pelos estudantes.

O designativo “favela venceu” sintetiza como muitos deles atribuem sentido a diversos influenciadores que narram a superação da pobreza, das privações de direitos, para conquistar motos, dinheiro, mansões e carros de luxo. No ritmo do TikTok de Veigh, Giovana Dib, Meno Kabrinha, MC Paiva e outros, os estudantes da DRE Campo Limpo ressignificam a realidade, atribuindo a ela um sentido mais próximo do sucesso, do alívio e do desejo de transcender os limites da zona sul da capital.

Lacração e cancelamento. A terceira categoria de análise traz indicações que a personalização e os parâmetros sob medida condicionam uma tendência pelo rechaço do outro e, também, daquilo que não pertence a um interesse particular. Registramos diversos tensionamento entre os discentes, sobretudo quando um assunto não personalizado surgiu no laboratório de informática. Ofensas, agressões verbais e outras expressões foram tônicas quando os jovens tiveram que comentar assuntos que não conhecem, não se interessam ou “nunca ouviram falar”.

Tivemos como fundamento metodológico a experiência cotidiana dos discentes, afinal o avesso do algoritmo é o reconhecimento de uma dimensão simbólica do dia a dia, dos usos e apropriações no Youtube, TikTok Instagram, onde os jogos de linguagem, os intercâmbios culturais e a ordem perceptiva são ressignificados a partir dos cálculos e predições que definem aquilo que é visível (ou não). Com efeito, os fluxos comunicacionais que transitam entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental da DRE Campo Limpo possibilitaram a sustentação da tese de que, no mundo contemporâneo, os algoritmos passaram a conferir uma marca estrutural nas informações e sentidos que circulam na trama cultural. Ora, discentes comentam, compartilham e assistem de forma intensa produtos de audiovisual que circulam na web, logo são nesses espaços que a cultura se movimenta no tecido social.

REFERÊNCIAS

CITELLI, A. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. 3ª edição, São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

FISHER, M. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023

LOPES, M. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Edições Loyola: São Paulo, 2005.

LOPES, M. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, v. 12, nº 1, p. 39-63, 2018. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOROZOV, M. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NOBLE, S. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Santo André, SP: Rua do Sabão, 2021.